

ESCRITURA FEMININA E PROJETOS CIVILIZATÓRIOS SEGUNDO MERCEDES CABELLO DE CARBONERA



Cláudia Luna

Introdução

O campo intelectual hispano-americano, no século XIX, terá como prioridade estabelecer e executar projetos de modernização que, na maior parte das vezes, consideram ponto pacífico a implementação de processos civilizatórios, dentro do ideário liberal, perpetuando desigualdades de raça, gênero e cultura. Na contramão deste cenário, surge um grupo de letradas – escritoras, jornalistas, educadoras –, cujas vozes se impõem, especialmente na segunda metade do século, articulando um discurso contra-hegemônico, em que os sentidos se invertem e se fazem ouvir outros reclamos. Dentre elas está a peruana Mercedes Cabello Carbonera (1842-1909), que, em 1874, publicará uma série de cinco artigos, no jornal limenho *El mundo*, opinando sobre a “Influencia de la mujer en la civilización”.

A proposta deste breve trabalho é tecer comentários gerais sobre as propostas da autora, sua paulatina constituição como sujeito, seu desafio ao campo de poder e a repercussão gerada por sua atividade. Sua revelância reside na necessidade de recuperar o passado em sua complexidade, de modo a reorganizar os saberes estabelecidos a propósito do cenário intelectual latino-americano.

Mulheres e campo letrado

Em 1833, quando Flora Tristán desembarca no Peru, buscando seus direitos familiares, encontra uma sociedade marcada por desigualdades e, para ela, repleta de signos de barbárie, mas na qual, para seu espanto, descobre que há mais espaço e liberdade para as mulheres que na Europa, de onde viera. Toma como exemplo a figura da Mariscala, amante de um herói da Pátria, uma das bravas mulheres que, tal como Manuela Sáenz, a guerrilheira amante de Simon Bolívar, pegava em armas e interferia nos destinos dos nascentes países.

O cenário que encanta a Flora, no entanto, não se manterá por muito tempo: passadas as turbulências políticas, os discursos dominantes pregarão a volta das mulheres ao lar (*el hogar*), incumbidas de cumprir seu sagrado e eterno papel de mães e esposas exemplares, aquelas que geram e formam os futuros “heróis da pátria”.

Entretanto a chama já havia sido acesa e não seria fácil apagá-la. Especificamente na sociedade peruana se constituirá, na segunda metade do século, um espaço de discussão e intercâmbio intelectual povoado por escritoras, literaturas, ensaístas, como Clorinda Matto de Turner, Mercedes Cabello de Carbonera, Juana Manuela Gorriti, entre outras. Da mesma forma como ocorreria na Argentina (mais especialmente em Buenos Aires, a partir da tirania instaurada pelo governo de Rosas, as experiências do exílio e da viagem contribuirão para desenhar traçados e linhas onde estas vozes se cruzam e fortalecem, repercutindo de forma aguda no campo letrado.

Pois em 7 de agosto de 1874 é publicado no jornal *El Álbum* o artigo “Influencia de la mujer en la civilización”, assinado por uma desconhecida Enriqueta Pradel. O texto constitui um libelo pelo direito da mulher à educação, à *verdadeira* instrução. Segundo a autora, a mulher ilustrada tem condições, seja como mãe, amante ou esposa, de ensinar os mais altos valores e o amor à honra, ao saber e à pátria. Sua proposta é a de educação da moral para o progresso e civilização do mundo. Assim explica a autora:

Que los sábios, los moralistas, los filósofos escriban libros, que los legisladores dicten leyes que castiguen el vicio y la inmoralidad, que los unos inpongan la virtud como un deber, y castiguen el vicio como un crimen, que poco alcanzarán si la mujer, relegada

al olvido, y extraña a las ciencias que enseñan a conocer las leyes que rigen el movimiento social, no ha podido nombrar [sembrar] el gérmen de la virtud en el corazón del hombre, enseñándole a amar desde su infancia el honor, el saber y la patria. (VARGAS, 2003, p. 154)

Como analisa Suzana Rotker, no Prefácio a sua *Antologia del Ensayo Hispanoamericano del siglo XIX*, havia determinadas bandeiras que circulavam por todos os partidos e tendências político-ideológicas. Termos como Progresso, Civilização, Modernização eram elevados à esfera de ideais máximos a que se poderia aspirar como nação. Desta forma, serão utilizados “ao azar”, como embalagem para conteúdos muitas vezes díspares e opostos. Cabello de Carbonera utilizará a mesma estratégia: trata-se da defesa do progresso e da civilização. Ao brandir tais bandeiras, no entanto, nelas insere o fundamento de algo que unicamente os socialistas utópicos e outros progressistas começavam a assinalar: só pode haver progresso onde ocorra a emancipação feminina.

Ao mesmo tempo, o conceito de civilização, geralmente utilizado como contraponto ao de barbárie, correspondendo ao contraponto clássico entre cultura e natureza, recebe um pronunciado deslizamento semântico. É necessário lembrar que a mulher tem sido, durante milênios, nas sociedades patriarcais, vinculada à Natureza, por seus humores, pela maternidade, pelos mistérios insondáveis que provocam medo e repulsa. É fato que a misoginia se fortalece nos alvares da Idade Moderna e muitas serão as representações das mulheres como adoradoras do demônio e participantes de terríveis orgias sabáticas. Esta concepção atravessa os mares com as caravelas e aporta na sociedade colonial, onde às mulheres só serão oferecidas duas opções dignas: o matrimônio ou o claustro. Sua escrita só é permitida quando tem cunho confessional – afinal a Inquisição zela incessantemente por essas frágeis ovelhas. A carta que Juana de Guevara escreve à Coroa Espanhola, no século XVI, por um lado, ou a intensa produção artística e atividade intelectual de Sor Juana Inés de la Cruz, de outro, serão algumas das exceções que confirmam a regra da ausência ou escassez da escritura feminina nas letras coloniais.

Pois Cabello de Carbonera desafia essa longa tradição para estabelecer precisamente uma relação de condicionamento entre a instrução feminina e o desenvolvimento da

civilização. Assim conclui seu primeiro texto, ainda sob o pseudônimo de Enriqueta Pradel: “Educad a la mujer, ilustrad su inteligencia, y tendréis en ella un motor poderoso y universal, para el progreso y la civilización del mundo; y una columna fuerte e inamovible en que cimentar la moral y virtudes de las generaciones venideras” (ibidem, p. 155).

Em cada um dos artigos que compõem a série brandirá seus argumentos, numa gradação ascendente, em que se demonstram cabalmente sua erudição e notável atualização no tocante aos avanços científicos e culturais de seu tempo.

Significativamente, inicia seu primeiro texto com uma frase que ficará famosa como símbolo dos movimentos feministas, a partir do século XIX: “La instrucción y la moralidad de las mujeres ha sido en todo tiempo el termómetro que ha marcado los progresos, y el grado de civilización y virilidad de las naciones” (VARGAS, 2003, P. 153)ⁱ.

Já no segundo artigo, ela estabelece uma distinção entre duas espécies de instrução: a primeira, mero verniz social, que exemplifica com o ensino de piano e canto, destinando à mulher apenas o papel de adereço gracioso na vida dos salões: “Nunca he podido explicarme el anhelo que tienen algunos padres de familia de hacer de sus hijas una profesora de piano, o una cantatriz de primera orden. De un adorno superfluo en la educación han hecho la base y el objeto principal de ella.” (ibidem, p. 162)

Como forma de reforçar seu argumento apela para o papel da mulher como educadora dos filhos da pátria: “¿no es a consecuencia clara de la mala educación y falta de instrucción en la mujer, esos niños pálidos y macilentos que todos os días vemos vestidos de seda y encajes (...) {y que} condenan el niño a una quietud enervante, lo sujetan y lo reprimen?” (ibidem, p. 163)

Como que antecipando Freud, Mercedes acusa o “mal-estar da civilização”: “La humanidad marcha a su completo desarrollo y perfeccionamiento; pero agobiada de enfermedades que, si no atacan su vida, son como las de la infancia que retardan su desarrollo y alteran su salud.”. Dentre tais males cita o ceticismo religioso, o exacerbado mercantilismo, que reduz tudo a “guarismos representativos de bienes materiales” (p. 168), e o fanatismo das massas, que degradam o homem ao nível dos animais. Frente a tais desmandos, o remédio “que a nuestros débiles alcances nos parece ser el único posible [será] ¡Ilustrar a la mujer!”

Seus argumentos serão os seguintes: “¡Cuántos males de gran trascendencia se evitarían, si se curara el que hemos señalado! La instrucción de la mujer es el enemigo más poderoso contra el escepticismo de unos y el fanatismo de otros” (p. 168). Em suma, sua influência reabilitadora é a única capaz de conduzir o homem ao rumo da verdadeira civilização, já que só ela pode conciliar as duas chamas que iluminam a humanidade “en su paso por ese mundo: la religión y la ciencia.” (p. 169). A articulação do pólo científico ao religioso fazia parte do padrão da época, já que tanto conservadores como liberais se abrigavam na fé cristã; diferiam apenas na aceitação ou não da ingerência da Igreja na vida pública, ou seja, em sua participação ou exclusão dos governos republicanos.

Segundo Mercedes, para que se possa dar esta influência regeneradora, evidentemente, é necessário que a mulher receba uma verdadeira instrução, que ela associa, já no terceiro artigo da série, à ilustração. O termo, evidentemente, faz ressoar os anseios de emancipação intelectual e esclarecimento do ideário francês iluminista. O que significa que, nas entrelinhas, se proclama a expansão dos princípios de Igualdade, Liberdade e Fraternidade às mulheres, e, mais que isso, constitui, por si só, desejo e realização da passagem da minoridade para a maioridade, para lembrar Kant. Se este afirmava que o esclarecimento “é a saída do homem de sua minoridade, da qual é o próprio culpado. A maioridade é a capacidade de se servir de seu entendimento sem a direção de outrem” (apud ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 81), Mercedes está clamando por essa maioridade. Mas seu raciocínio não é tão simples.

Recordando todo o processo civilizatório, marcado pelo uso da força e da violência, estabelece uma disjuntiva com o caráter supostamente universal do processo histórico. Pois esta história foi escrita pelo homem (gênero masculino), através do uso da força; da mesma forma, o princípio de formação e expansão das nações se baseia nas leis da guerra, do derramamento de sangue – ou seja, sempre a lei do mais forte é a que predomina e é valorizada. Sua concepção de “maioridade” para a mulher não significa sua inclusão dentro desta ciranda do poder; ao contrário, surpreendentemente ela sugere a conquista do “direito da debilidade”. Através deste, a mulher simultaneamente se exime dos erros de uma história da qual não foi agente e, ao reivindicar seu espaço, necessariamente sacode os alicerces da estrutura patriarcal, baseada no poderio bélico, econômico e social.

E brande seu poderoso argumento: “El derecho de la justicia que es el de los débiles, es la conquista más grandiosa que la civilización moderna puede presentar como un título para merecer nuestro homenaje, como hienechora de la humanidad.” (p. 173). Carbonera ingressa, agora, no delicado terreno da reivindicação dos direitos civis: “la mujer no podia heredar ni testar, ni poseer bienes de ninguna clase (...) cuanta degradación, cuánta humillación, cuánta desesperación, apuró el sexo débil oprimido por el fuerte” (p. 171).

Paulatinamente seu discurso se torna mais agudo, com um teor reivindicatório mais firme: trata-se da denúncia da opressão secular, e das reações violentas que sofrem todas as tentativas de emancipação feminina.

Já no quarto artigo, referindo-se especificamente à necessidade de uma instrução científica para a mulher, denuncia: “Las grandes reformas por benéficas que ellas sean, no se pueden introducir ni fácil ni violentamente; ellas tienen que luchar con esse gigante poderoso que con el nombre de preocupaciones sociales se apodera de nuestra voluntad” , pois somente “después de largas y penosas luchas, en las que dejamos muchas veces nuestra felicidad y nuestra vida” se poderá obter algum resultado positivo.

Mercedes tem consciência do desafio, que encara de frente, proclamando que se trata de “¡Lucha grandiosa! En la que se ve que la fuerza de una idea destruye las que se han arraigado por siglos enteros”.

E passa a apoiar-se em exemplos famosos de sua época, mulheres cientistas cuja memória certamente não recebeu o merecido destaque pela posteridade, mas que na época eram incontestavelmente célebres por seus feitos. Recorre a Laplace e Darwin que, respectivamente, exaltaram Madame Somerville e Clemencia Roger, como as pessoas que mais capazes foram de compreender a fundo sua obra. Menciona também a injustiça de que foi vítima George Sand, pela Academia Francesa, preterida, por ser mulher, por Guizot.

Na sequência de seus argumentos antecipa Simone de Beauvoir, já que associa o comportamento pueril da mulher à educação frívola, ou seja, “se verá al fin, que sus gustos pueriles, su carácter ligero y todo aquello que se creía inherente a su naturaleza, no es más que el resultado de su educación” (p. 180), e conclui, lembrando ironicamente um dos mais antigos defensores da desigualdade entre os seres humanos, ou seja, Aristóteles, de quem repete a sentença: “El hábito es una segunda naturaleza”.

Finalmente, defende sua argumentação tocando no ponto mais delicado da questão: a manutenção da família. Pois dirá, prudentemente,

La reforma que quisiéramos ver realizada en la educación de la mujer, no la aleja del hogar doméstico, sino por el contrario, le agrega un atractivo más, rodeándola del encanto del saber, que la hace inaccesible al hastío, esa enfermedad, esa nostalgia del alma que esteriliza la vida, marchita las flores de la esperanza, y envenena los placeres del alma! (p. 181).

Conclusão

A trajetória de Mercedes Cabello de Carbonera seguirá por várias décadas, nas quais enfrentará o conservadorismo peruano, o clero, parcelas da intelectualidade hispano-americana, o que não a impedira, entretanto, de promover incessante intercâmbio intelectual com outras escritoras do continente, publicando romances em que luta pelas reformas que propõe, opinando sobre os destinos do romance moderno, escrevendo obras de denúncia da tirania, como o romance *El Conspirador*, polemizando incansavelmente, até os alvares do século XX, quando tem o destino de tantas das grandes mulheres do século XIX: o manicômio..

Mercedes morrerá em 1909, de paralisia geral progressiva gerada pela sífilis. Entretanto, após tantos anos de esquecimento suas palavras são hoje resgatadas e se mostram de dolorosa atualidade:

La historia de la esclavitud y el envilecimiento de la mujer es la historia de la barbarie y el embrutecimiento de los pueblos; así como la de su emancipación y completo desarrollo de sus facultades, será la historia de la civilización, y del desarrollo del progreso. (p. 197)

Proféticas palavras, que se projetam ainda hoje, neste novo milênio, como desafio a construir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CABELLO DE CARBONERA, Mercedes. *Blanca Sol*. www.cervantesvirtual.es.

-----, “La novela moderna” (1892). In: KLAHN, Norma & CORRAL, Wilfrido H., (compiladores). *Los novelistas como críticos*. V. 1. México: Fondo de Cultura Económica; Ediciones del Norte, 1991. p. 88-110.

-----, *El conspirador*. (Autobiografia de um homem público). Novela político-social. Lima: Kavia Cobaya Editores, 2001. /Prólogo de Oswaldo Voysest/

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente. 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ELIAS, Norberto. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz; LASARTE, Javier; MONTALDO, Graciela, DAROQUI, María Julia, (comp.). *Esplendores y miserias del Siglo XIX*. Cultura y sociedad en América Latina. Caracas: Monte Ávila, 1994.

IGLESIA, Cristina, (comp.). *El ajuar de la patria. Ensayos críticos sobre Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Feminaria, 1993.

JOZEF, Bella. *História da Literatura Hispano-americana*. 4. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Ed. da UFRJ, 2005.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

ROTKER, Suzana. *El ensayo hispanoamericano del siglo XIX*. México: Siglo XXI, 1994.

LUNA, Cláudia. Entre espectros e miragens: memória e identidade nos escritos de Juana Manuela Gorriti. In: MONTEIRO, M^a Conceição & LIMA, Tereza Marques de Oliveira, (or.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006. p. 207-216.

VARGAS, Ismael Pinto. *Sin perdón y sin olvido*. Mercedes Cabello de Carbonera y su mundo. Lima: Universidad de San Martín de Porres, 2003. (Serie Periodismo y Literatura).

ⁱ Tivemos acesso aos textos de Mercedes Cabello Carbonera graças ao trabalho de compilação que realizou Ismael Pinto Vargas, na obra *Sin perdón y sin olvido*, em que analisa a trajetória da escritora.